

naquela de nível mais elevado, superior que tenha o sentimento moral, o dom da discriminação e escolha que produzem a sensibilidade artística, o dom da abnegação, do altruísmo, qualidades que, se não prevalecerem, não será possível inventar um sentido para o advento do homem.

Que assim possa ser.

Formação Intelectual e Itinerário Filosófico de Tobias Barreto

Newton Sucupira

No Brasil do século passado, o autodidatismo era a regra geral para todos os que pretendiam dedicar-se aos estudos filosóficos. No caso de Tobias Barreto, em razão de seu talento privilegiado e de seu germanismo filosófico, o autodidatismo assume proporções incomuns. Pedro Calmon não exagerava ao dizer que ele foi "o mais, espantoso autodidata de nossa história intelectual". É verdadeiramente espantoso que este sergipano com a formação básica adquirida no interior de sua província, sem ter saído do Recife, sem jamais haver freqüentado os grandes centros da inteligência européia, como fizeram várias personalidades de nosso mundo intelectual, sem dispor de professores especializados, nem de institutos de altos estudos, tenha dominado a língua alemã a ponto de familiarizar-se com o pensamento germânico como nenhum outro intelectual brasileiro de seu tempo.

Contudo, por maior que tenha sido o seu talento, Tobias não pôde superar as limitações inerentes a todo autodidatismo, como revelam notórias deficiências de sua cultura filosófica. No fundo, o pensador sergipano foi uma vítima das estreitezas dos horizontes culturais de seu ambiente e do próprio sistema de ensino dominante no Império, os quais impuseram barreiras intransponíveis aos vãos de sua admirável inteligência.

Para bem avaliarmos a riqueza e o vigor de seu pensamento, bem como suas lacunas e imperfeições, é

de todo aconselhável começar pela análise de sua formação intelectual, de suas carências e vicissitudes e de seu itinerário filosófico.

O jornal de Sergipe, "O Republicano", na edição de 14 de julho de 1889, ao fazer o necrológio de Tobias Barreto, escreve o seguinte:

"Tobias nasceu a 7 de junho de 1839, em Campos, decadente vila desta província. Descendente de família pobre e obscura, porém honrada, cedo revelou a pujança de seu talento constituindo-se o melhor professor de latim daquelas paragens" (1).

É difícil apurar se o jovem Tobias foi realmente o melhor professor de latim de sua região. Mas o certo é que, em sua província, recebeu uma boa formação latina, da qual muito se orgulharia ao longo de sua carreira. Apesar de pobre, sua família não mediu esforços para que lhe fosse dada uma educação intelectual que, àquela época e "naquelas paragens", era o que havia de melhor em matéria de instrução secundária: o estudo do vernáculo e do Latim. Acompanhem os passos de sua formação intelectual.

Tobias fez o curso primário em sua vila natal de 1846 a 1851. Nesse mesmo ano, em vista de prosseguir os estudos, deslocou-se para Estância onde se matriculou na aula de Latim regida pelo Padre Domingos Quirino, futuro Bispo de Goiás. Em pleno meado do século XIX vivíamos ainda no regime de aulas avulsas de latim, remanescente do velho sistema de aulas régias instituído pelo Marquês de Pombal após a expulsão dos Jesuítas em 1759. A aula de Latim da Estância havia sido criada nos fins do século XVIII.

Em 1853, transferiu-se Tobias para a vila do Lagarto com o objetivo de concluir seus estudos de latinidade

na aula do Padre Pitangueira, ao mesmo tempo que aperfeiçoava os conhecimentos do vernáculo com o capitão Miguel Teotônio de Castro, professor público primário. Em outubro de 1854, prestou exame para tornar-se professor substituto da mesma aula em que estudara. Segundo nos conta o próprio Tobias, o inspetor houve por bem conceder-lhe o título geral de substituto em qualquer cadeira de Latim da província. Aos quinze anos de idade ei-lo oficialmente investido nas funções de professor substituto de Latim.

Dados o seu talento e suas justas ambições, Tobias Barreto decerto não poderia contentar-se, por muito tempo, com o modesto ofício de mestre substituto numa obscura vila do interior de sua província. Assim, em novembro de 1856, submeteu-se a concurso para a regência da aula de Latim de Itabaiana, cidade bem mais adiantada do que a vila do Lagarto. Aprovado, entra no exercício de suas novas funções em janeiro de 1857, lecionando até dezembro de 1859.

Referindo-se à formação latina de Tobias, um de seus biógrafos e admirador fervoroso, o sergipano Sebrão Sobrinho, assim se expressa com manifesto exagero: "Tendo apenas dois anos e sete meses (inclusive os meses de férias) de estudo da língua latina, já era Tobias manejaedor desse idioma, falando-o e escrevendo-o como mestre".²

Além dos estudos literários, Tobias aprendeu música em Estância e em Itabaiana, chegando a tocar flauta e violão com relativa mestria. É o flautista da orquestra de Itabaiana e seu violão é vivamente apreciado nas serenatas e saraus da sociedade local. Graças a esses conhecimentos de música, fará, mais tarde, freqüentes incursões no campo da crítica musical.

Outro aspecto importante de sua formação intelectual é o ambiente religioso no qual se processou e

que deixará marca indelével em seu espírito. Marca que influenciará profundamente o próprio curso de seu pensamento filosófico. Desde a infância até a juventude, sua existência transcorrerá em íntimo convívio com os padres e as coisas da Igreja. A esse respeito, vale citar a pertinente observação de Sebrão Sobrinho:

"Nascendo quase entre as batinas do vigário Amaral, criando-se entre as de Domingos e Pitangueira, oriundo de pais católicos e de uma terra ainda hoje completamente católica, como é Campos, que não registra, em nossos dias, ninguém que não seja, vivendo numa época em que Sergipe desconhecia inteiramente outro culto, era Tobias dado a tudo que se relacionasse à Igreja e, assim, senhor de uma boa voz, se integrou nos cantos corais das solenidades religiosas fazendo parte da orquestra de Chiquinho, o músico".³

Tobias jamais renegará o sentimento religioso que impregnou fortemente toda a infância e adolescência e sempre o terá por inerente à natureza humana. Mais que os argumentos racionais, esse sentimento vai impedir-o de resvalar para o materialismo mecanicista que seria a consequência natural do monismo haeckeliano. A discussão dos problemas religiosos será uma constante de sua obra até o fim da vida.

Consciente de seu talento e de seu saber, Tobias Barreto logo haveria de perceber que uma cidade do interior de sua província tinha muito pouco a oferecer-lhe para o seu nível de aspiração. O diploma de uma das academias do Império era a meta normal dos jovens talentosos, principalmente quando lhes faltava o status social decorrente do nascimento ou da riqueza. De origem humilde, o êxito de uma carreira intelectual seria o instrumen-

to adequado de ascensão social. Hermes Lima captou muito bem o estado de espírito do jovem Tobias ao escrever: "Mestre de Latim em cidade importante como Itabaiana, já por essa época, pressentia o rumo de sua carreira que numa coisa se resumia: continuar os estudos para poder aspirar a posições mais altas".⁴

Assim, visando a prosseguir seus estudos, Tobias obtém uma licença de seis anos e dirige-se à Bahia com a intenção de ordenar-se sacerdote. Mas, logo depois de chegar a Salvador, abandona semelhante projeto e resolve fazer os preparatórios para ingressar na academia de Medicina. A julgar por seus biógrafos, frequentou aulas dos melhores professores, inclusive as de filosofia de Frei Itaparica. Suas preferências, contudo, voltavam-se para a literatura e, segundo nos diz Hermes Lima, passava o melhor de seu tempo lendo os românticos e deslumbrando-se com Victor Hugo.

Passam-se os meses e termina o ano de 1861 sem que Tobias houvesse prestado os exames dos preparatórios. Inteiramente desprovido de recursos, regressa à vila natal em dezembro do mesmo ano. Em 1862, tenta mais uma vez a fortuna e ruma, desta vez, para o Recife, com o propósito de se fazer bacharel em direito. Durante o ano de 1863, cursou, no Colégio das Artes anexo à Faculdade, as aulas de geometria e de geografia. Em novembro do mesmo ano, apresentou-se aos exames de quatro matérias dos preparatórios e, em março do ano seguinte, fez provas das três matérias restantes, iniciando o curso jurídico em 1864.

Naquela época vigorava a reforma do ensino superior de Couto Ferraz, aprovada em 1854, que exigia para o ingresso no curso jurídico os preparatórios das seguintes matérias: latim, francês, inglês, filosofia racional e moral, retórica e poética, história e geografia, aritmética e geometria. Tais matérias eram as mesmas para o curso de

medicina, com exceção de retórica, substituída por álgebra até as equações de 1.º grau. Como se vê, nenhum estudo de ciências físico-químicas ou biológicas era exigido para seguir o curso de direito, nem mesmo para o de medicina. O estudo dos preparatórios se fazia onde e como o candidato quisesse, bastando que provasse nos exames, realizados na ordem que lhe aprouvesse, os conhecimentos adquiridos e, por isso mesmo, chamavam-se parcelados. Segundo bem observou Mariotto Haidar, em seu livro sobre o ensino secundário no Império, "restrito aos preparatórios, reduziam-se, ainda, os estudos secundários, exclusivamente, aos programas e pontos fixados pelo governo para os exames realizados em todo país".⁵

A dominância da cultura literária, com ausência das ciências naturais, era, pois, a regra geral na formação dos candidatos às academias do Império, tendo em vista o regime de preparatórios, no qual se resumia a educação secundária brasileira durante o século XIX e até as primeiras décadas deste século. Regime que, por assim dizer, infelicitou nossa instrução secundária ao longo de todo esse período.

Ao matricular-se no curso jurídico com vinte e cinco anos incompletos, Tobias Barreto tinha sobre a maioria de seus colegas a vantagem do amadurecimento intelectual e a superioridade de uma boa cultura clássica e literária. Mas carecia inteiramente de estudos científicos de base. A precariedade, ou mesmo nulidade, de sua formação científica responde pelas deficiências e equívocos de seu pensamento, quando se põe a especular sobre questões científicas hauridas em Haeckel ou noutros autores alemães. Tobias Barreto valeu-se dos trabalhos de divulgação científica em livros e periódicos germânicos, os quais digeriu, não sem dificuldades, justamente por lhe faltarem as noções científicas elementares. Daí as incongruências e contradições tão comuns em suas concepções filosóficas-científicas. E, ao lado de sua admiração reverencial pela ciên-

cia germânica, vemos suas hesitações em sacar todas as consequências do cientismo que, em muitas ocasiões, fazia questão de professar. Exibindo conhecimentos extraídos dos autores alemães, inacessíveis aos intelectuais de seu meio, Tobias Barreto recebia, em seu tempo, a consagração de admiradores pelo que lhes parecia uma extraordinária e profunda erudição científica.

O primeiro encontro de Tobias Barreto com a filosofia se deve ao curso de Frei Itaparica, cujas aulas tiveram, pelo menos, o mérito de incutir-lhe o gosto da especulação filosófica. Na Faculdade, colabora nos jornais acadêmicos, e, mais que o Direito, a Filosofia é o objeto de suas preferências. E, na verdade, é ainda nos tempos de estudante que se lança à sua aventura filosófica. Em 1867, premido pelas dificuldades financeiras, cursando o 3.º ano, Tobias se inscreve no concurso para o provimento da cadeira de filosofia do Liceu Pernambucano, competindo com o Dr. José Soriano de Souza, o tomista mais destacado de sua época no Recife. Embora tenha sido classificado em primeiro lugar, Tobias é preterido, sendo nomeado seu contendor sob a alegação de ser casado.

Do concurso dirá, anos mais tarde: "O que ficou em domínio de todos, foi que ambos nós, eu então pobre acadêmico do 3.º ano e o Dr. Soriano, já conhecido até em Roma, provamos que éramos néscios, horrivelmente néscios em matéria filosófica".⁶ Essa confissão de ignorância filosófica, na realidade, era mais uma tirada retórica do que uma convicção sincera ou manifestação de humildade intelectual. Na verdade, Tobias não se considerava inteiramente ignorante em filosofia. Assim é que, logo no ano seguinte ao de seu concurso, inicia sua produção filosófica escrevendo uma série de artigos de crítica. De qualquer modo, havia certa dose de verdade em sua confissão retórica. Os primeiros artigos, embora revelando suas qualidades de análise e sua acuidade crítica, acusam as falhas de sua formação filosófica, o conhe-

cimento insuficiente de categorias elementares da filosofia.

É o que vemos, por exemplo, no artigo polêmico "Teologia e Teodicéia não são Ciências", de junho de 1868,⁷ Tobias, querendo demonstrar, com razão, que nem todo objeto de conhecimento se torna necessariamente objeto de ciência, faz uma distinção inepta entre conhecimento e ciência, erro que mesmo o principiante de curso de filosofia dificilmente cometeria: "O conhecimento é particular, fenomenal, determinado; a ciência é geral, baseada em princípios". Nesse enunciado há um equívoco e uma parcela de verdade. O equívoco está em distinguir conhecimento e ciência como se fossem gêneros diversos. O que Tobias tinha em mente, decerto, era distinguir conhecimento empírico, conhecimento vulgar, comum a todo homem, e conhecimento científico. A verdade do enunciado estava na segunda parte: a ciência é geral baseada em princípios. Logo a seguir, Tobias afirmava, acertadamente, na mais pura linha da filosofia escolástica, que ele tanto repudiava como filosofia decréta e reacionária: "O individual, encarado em si mesmo, não pertence à ciência; o que nos indivíduos ela procura é o que eles têm de geral e comum aos gêneros, às diversas classes de seres ou fatos". **De individuis non est scientia**, diziam os escolásticos na esteira de Aristóteles. No artigo citado, Tobias pretendia mostrar que da crença em Deus, cuja legitimidade não estava em jogo, não se podia deduzir uma ciência do divino, fosse Teologia ou Teodicéia. O artigo mistura uma série de observações críticas pertinentes com ingenuidades e confusões conceituais.

O mesmo poderia dizer-se do artigo no qual, anos depois, pretende fazer uma crítica demolidora dos pontos de filosofia do padre Dr. Jerônimo Thomé.⁸ Nesse trabalho, Tobias revela total desconhecimento da teoria aristotélica do prazer e da virtude, e usa do ridículo e do achincalhe na falta de uma argumentação fundamentada, des-

cambando para comparações grosseiras e de mau gosto, incompatíveis com uma crítica filosófica séria.

Igual desconhecimento do racionalismo moderno clássico verifica-se em sua inaptidão para compreender o alcance do **cogito** cartesiano para toda filosofia moderna. Hélio Jaguaribe, em seu lúcido ensaio sobre a filosofia no Brasil, destacou a deficiente informação de Tobias em matéria de história da filosofia e acrescentava: "Tal deficiência — regra geral dos pensadores brasileiros — não se coaduna bem com a intensa curiosidade intelectual de Tobias, homem de leituras abundantes e variadas. Mas a verdade é que a precária informação de Tobias quanto ao passado e à evolução da filosofia assume proporções dramáticas em suas primeiras obras e, minnada embora pelos estudos posteriores, marca, até o fim, uma das limitações de seu pensamento".⁹

Tal deficiência é o fruto de seu autodidatismo em meio intelectual desprovido de uma comunidade científica e de instituições apropriadas para o desenvolvimento da erudição e cultura filosóficas. Sem estudos sistemáticos, sem aprendizagem metódica, Tobias põe-se a ler as obras de filósofos contemporâneos que lhe chegam às mãos sem dispor dos instrumentos conceituais básicos da crítica filosófica, sem o domínio das categorias fundamentais do pensamento filosófico. Daí porque se deixa seduzir pela filosofia em moda, pela teoria científica mais em voga, desprezando toda a tradição dos grandes filósofos sem a qual não lhe era mesmo possível compreender o estado da filosofia de seu tempo. Esquecia ele que a história, como afirmava Hegel, é o laboratório da filosofia. Tudo isso explica os graves equívocos de seu pensamento, como ocorre, por exemplo, em sua leitura de Kant, conseqüente incapacidade de aprender o verdadeiro sentido do criticismo transcendental. E tais limitações, conforme bem observou Jaguaribe, não chegaram a ser superadas mesmo com a continuação e aprofundamento de seus estudos filosóficos.

Na década de 1860, quando Tobias começa a filosofar, os intelectuais brasileiros que se dedicavam aos estudos filosóficos, em geral, ainda estavam fascinados pela filosofia do ecletismo espiritualista de Victor Cousin. No Recife, Antônio Pedro de Figueiredo, o "Cousin fusco", havia traduzido a "História da Filosofia" do chefe da Escola Eclética, cujas idéias faziam adeptos na Academia. E não era somente o pensamento leigo que abraçava a doutrina do filósofo francês; a filosofia ensinada nos seminários era igualmente influenciada pelas idéias de Cousin. Dessa influência nos dá testemunho o Dr. Soriano de Souza em seu **Compêndio de Filosofia**, publicado em 1867, o qual reflete as condenações da modernidade européia pelo **Syllabus**. O tomista pernambucano lamenta a difusão das doutrinas de Cousin no Brasil e deplora, em particular, sua penetração nos Seminários: "Aqui a filosofia que ainda geralmente se ensina é um misto de cartesianismo e ecletismo, que para cá nos mandam os escritores franceses; e essa mesma se acha reduzida a tão mesquinhas proporções que quase poderia desaparecer do quadro dos estudos preparatórios sem grande dano da instrução pública". E continua: "Nas escolas eclesiásticas não são melhores as coisas nesse ponto, pois, à exceção de um Seminário, em todos os mais, segundo as informações que temos, ensina-se aquela mesma filosofia e pelo mesmo método. Daí se colhe facilmente a fraqueza da instrução ordinária de nosso clero e o pouco aproveitamento com que estuda a sagrada teologia, à qual a filosofia é não só útil, mas também necessária".¹⁶

O ecletismo de Cousin tinha tudo para satisfazer às aspirações filosóficas dos intelectuais brasileiros daquela época: fraseologia brilhante e superficial, espiritualismo difuso, mentalidade conservadora, racionalismo moderado. Os intelectuais conservadores, ligados ao catolicismo tradicional, não obstante as veleidades racionalistas poderiam ficar de consciência tranqüila: Cousin, como bem acentuou Ravaisson, pregava uma espécie de ra-

cionalismo que, em última análise, poderia ser conciliado com a fé.

Havia outra característica do ecletismo de Cousin que o tornava perfeitamente assimilável aos nossos intelectuais daquela época, sem estudos científicos de base e sem formação filosófica especializada: era uma filosofia fácil, na qual a apresentação literária primava sobre o rigor técnico da exposição e o fascínio da eloquência supria a falta de solidez da argumentação.

Como sabemos o chefe da Escola Eclética recolheu no idealismo alemão pós-kantiano a idéia segundo a qual, por uma dialética interna, a história da filosofia, em seu desenvolvimento através dos tempos, havia, pouco a pouco, constituído a própria filosofia. A obra da história, verdadeira potência criadora superposta à natureza, consistia em reter e conciliar tudo o que os sistemas filosóficos encerravam de verdade e de conforme aos ideais do espírito. Mas, enquanto Hegel concluía que o coroamento do longo trabalho dos séculos era seu próprio sistema, Cousin modestamente pensava que a filosofia definitiva seria o produto da síntese dos elementos de verdade contidos nos diferentes sistemas filosóficos.

Assim, o corpo de doutrina que formava o ecletismo, sob a égide de Victor Cousin e seus discípulos, era a psicologia de índole empírica dos escoceses na base e a metafísica de tipo racionalista na cúpula. A psicologia de Reid e Dugald-Stewart representava o que, naquele momento, se poderia chamar de espírito moderno. Era o espírito de observação substituindo o método dedutivo dos escolásticos. Contudo, a escola escocesa se apresentava pouco científica na forma, pouco sistemática em suas exposições.

Cousin logo percebeu que não poderia constituir uma filosofia exclusivamente sobre base empírica. Tor-

nava-se necessário completá-la com uma metafísica. E, na escola eclética, essa metafísica era uma combinação de Platão, Descartes, Malebranche, Leibnitz e um pouco de Maine de Biran. Como dizia Paul Janet, os denominados lugares comuns do ecletismo eram os mais belos pensamentos de Platão, de Descartes, de Fénelon, de Malebranche e de Leibnitz apropriados à época e à inteligência de um jovem auditório.¹¹

O verdadeiro método da filosofia, segundo Cousin, consistia em chegar ao conhecimento da alma por meio da descrição e da classificação dos fenômenos psíquicos e daí, seguindo o caminho trilhado por Descartes, elevar-se até o conhecimento de Deus. Era o método psicológico que situava Cousin na grande tradição da filosofia reflexiva francesa.

O ecletismo pretendia contentar, ao mesmo tempo, os espíritos científicos com o método de observação dos fenômenos interiores e as almas religiosas com sua metafísica espiritualista. Na realidade, não satisfaz a nenhuma das partes. Ravaisson, em seu famoso *Rapport sur la Philosophie française au XIXème siècle*, assinalou com muita agudeza as pretensões e as decepções da filosofia de Cousin. Basta-nos citar o seguinte trecho: "O ecletismo tinha prometido muito, e o prestígio da eloquência de seu autor havia contribuído para muito esperar-se de suas promessas. Mas logo se devia reconhecer no filósofo que fizera nascer tantas esperanças um orador para o qual, como para os oradores em geral, a crer em Aristóteles, o verossímil, na ausência do verdadeiro, seria suficiente. Quando se julgava convencido, cedia quase sempre à sedução, mais poderosa na época em que surgiu o ecletismo, da palavra ou do estilo. Outros tempos vieram em que se preferiu, desde então, sob formas menos brilhantes, se necessário, um fundo mais rico, menos literatura e mais doutrina".¹²

Espiritualista conservador, eclético e retórico, Victor Cousin não deixava de ser racionalista, defenden-

do a autonomia da razão e a secularização da filosofia. Daí afirmar, com ênfase, a necessidade de "um ensino secular da filosofia separado de toda teologia e de toda influência eclesiástica". E era justamente esse toque de racionalismo que atraía os filosofantes brasileiros de entendimento mais arejado, os quais prezavam a racionalidade mal contida nas malhas elásticas de um dessorado catolicismo de tradição. O ecletismo espiritualista de Cousin era, pois, a alternativa oferecida aos nossos racionalistas bem comportados que, mordidos pela mosca azul do pensamento moderno, recusavam o medíocre tomismo nacional mumificado em manuais tresandando a sacristia.

Vivendo nesse clima de pensamento fortemente influenciado pelas idéias de Cousin, nada mais natural que Tobias Barreto começasse a filosofar nos quadros teóricos da escola eclética. Ao que parece, tivera os primeiros contactos com a filosofia do chefe do espiritualismo francês nas aulas de Frei Itaparica. Além desse curso, durante o ano em que, em Salvador estivera a preparar os exames que não chegou a fazer, as leituras de poetas e escritores franceses descortinaram-lhe horizontes intelectuais bem mais amplos e diversos que o mundo das humanidades latinas aprendidas com os padres de sua terra natal. Não obstante essas primeiras incursões, nada ortodoxas, pela cultura intelectual moderna, Tobias ingressa no curso jurídico ainda preso a suas origens cristãs. Disso nos dá testemunho o artigo de fundo, por ele escrito, do primeiro número do semanário "O Acadêmico", editado pelos estudantes em 1865.¹³

Mas, à medida que avançava em seus estudos filosóficos, afastava-se de todo dogmatismo eclesiástico e, esposando o racionalismo mitigado da escola eclética francesa, rejeitava a filosofia escolástica por julgá-la incompatível com a ciência moderna e com a liberdade da inteligência. Em seus primeiros artigos, sob a influência do espiritualismo de Cousin, encontramos a afirmação vi-

gorosa de uma razão emancipada e secularizada, bem como uma profissão de fé nitidamente anti-escolástica.

Num de seus primeiros ensaios filosóficos, "Gizot e a escola espiritualista do século XIX", Tobias Barreto, comentando a tese de Cousin segundo a qual em Deus as coisas haurem, ao mesmo tempo, sua inteligibilidade e seu ser, identifica razão e revelação: "Não há reconhecimento mais formal da revelação e da criação; mas da revelação como deve ser entendida, inerente à criação, fazendo parte dela, e por conseguinte identificando-se com a mesma razão proclamada pela escola espiritualista".¹⁴ Reconhecendo a existência de Deus, a realidade do espírito, reitera igualmente a autonomia da razão, único instrumento por meio do qual atingimos as ultимidades do ser. A liberdade é o atributo essencial da razão, órgão da filosofia. Assim é que, no artigo "A propósito de uma teoria de S. Tomás de Aquino", Tobias reclama energicamente essa liberdade: "A filosofia quer e deve ser livre; a liberdade é para ela mais que um distintivo; é a sua própria vida, pois que constitui seu poder. Se há presentemente, a esta hora da civilização, um fenômeno ao mesmo tempo lastimável e ridículo, é, por certo, o esforço que ainda fazem espíritos apoucados para sufocar o filósofo no fundo de seu pensamento e dizer à razão: Cala-te, louca! Seria, com efeito, bom para eles que a razão guardasse silêncio".¹⁵

Nesse mesmo artigo, de abril de 1868, ao reivindicar a mais completa liberdade espiritual para a filosofia, desfecha ataque cerrado à escolástica: "É o que mais espanta é a coragem com que neste século se desce aos subterrâneos em que jaz feito cinza o cadáver da escolástica e se pretende ressuscitá-lo para oferecê-la ao público". Mais adiante acrescenta: "Quando Leibnitz dizia ter achado ouro na ciscalhagem da escolástica, Leibnitz enganava-se: eram os reflexos de seu próprio gênio projetados sobre aquele muladar que ele tomava como precioso

sidades daqueles tempos. E numa tirada muito ao sabor de seu temperamento polêmico, conclui lançando arrogante desafio: "Se alguém há, entre nós, que se julgue a encarnação do tomismo, e se sinta por isso ferido no íntimo de sua religiosidade, dir-lhe-emos que é fácil o desagravo, dignando-se de erguer a luva que aí fica lançada na liça do combate".

O mestre do Recife não permaneceu por muito tempo acomodado no frágil equilíbrio doutrinário do ecletismo francês. Seu espírito crítico logo percebeu a superficialidade e a inconsistência das construções teóricas do espiritualismo de Victor Cousin e seus discípulos. Note-se que, na década de 60, o ecletismo havia perdido inteiramente sua autoridade no cenário da filosofia universitária francesa, sob o impacto das críticas das mais diferentes correntes filosóficas: do empirismo em geral, de representantes da metafísica espiritualista como Ravaisson ou Vacherot e, particularmente, do positivismo de Comte, para quem Cousin era o "famoso sofista". Em 1857, no seu livro "Les philosophes français du XIX siècle",¹⁶ Taine, colocando-se em terreno não muito distante do positivismo, combateu o ecletismo que, naquela época, ainda ocupava uma sólida posição, e procurou demonstrar que, sob formas literárias, a escola eclética não explicava nada e o principal objeto de sua crítica foi mostrar a inaniidade da pretensão de Victor Cousin e seus seguidores de estabelecer os princípios racionais como que plainando acima dos fenômenos sensíveis.

Já em 1869, Tobias Barreto empreende a crítica da filosofia espiritualista da escola de Cousin. É o tempo em que, segundo observa Sílvio Romero, "deixando o velho espiritualismo, Tobias entregava-se com ardor ao estudo de Carnot, Taine, Vacherot, Scherer, Mill, Littré, Augusto Comte".¹⁷ A propósito do artigo "Sobre a religião natural de Jules Simon", Sílvio Romero escreve em nota na edição do Governo de Sergipe: "Este ensaio que é de 1869,

marca a passagem definitiva de Tobias Barreto da velha intuição espiritualista para o naturalismo de Haeckel e Noiré.¹⁸ Manifestamente o grande amigo de Tobias comedia um de seus hiperbólicos exageros. Em 1869, o fundador da Escola do Recife não dominava o alemão para ler Haeckel e Noiré, autores que só mais tarde viria a conhecer. Antes de chegar ao monismo haeckeliano, ele deveria passar pelo positivismo de Comte.

E é sob o influxo do positivismo que Tobias escreve o longo artigo "A ciência da alma ainda e sempre contestada", de 1871, no qual ataca pela base a filosofia eclética francesa, contestando a validade do método psicológico. Neste ensaio, define claramente sua posição atual em face do ecletismo: "Não quero insinuar que se negue o mérito real de certas páginas, únicas proveitosas, que se encontram nos livros da célebre escola. Pelo contrário: se alguma coisa me pesa, é o ver-me obrigado no interesse da verdade, ou do que tenho por tal, a ser severo com aqueles em cujas obras pude haurir, pelo menos, a paixão deste gênero de estudos".¹⁹

As objeções por ele dirigidas ao método introspectivo se inspiram nitidamente na crítica de Comte ao caráter científico da psicologia, logo na primeira lição de seu "Cours de Philosophie Positive". O fundador do positivismo rejeitava a psicologia como ciência porque negava a possibilidade mesma da introspecção. Não é possível a observação de si mesmo, sentenciava Comte. Toda observação supõe um objeto distinto do sujeito que observa, um fato diverso da observação de que é objeto. Tais condições não seriam atendidas na pretensa observação interior, na qual sujeito e objeto coincidiriam, por constituir o ato de observar uma só coisa com a realização mesma do fato de que se trata de conhecer. Vejamos o próprio texto de Comte: "É sensível, com efeito, que, por uma necessidade invencível, o espírito humano pode observar todos os fenômenos, exceto os seus próprios. Pois

por quem seria feita a observação? Concebe-se, relativamente aos fenômenos morais, que o homem possa observar-se a si mesmo no caso das paixões que o animam, por esta razão anatômica que os órgãos que lhes servem de sede são distintos dos que são destinados às funções observadoras. Ainda mesmo que cada um tenha tido ocasião de fazer sobre si mesmo tais observações, estas jamais poderiam ter uma grande importância científica, e o melhor meio de conhecer as paixões será sempre observá-las do exterior. Todo estado de paixão, precisamente aquele que seria mais essencial examinar, é necessariamente incompatível com a observação. Mas, quanto a observar da mesma maneira os fenômenos intelectuais enquanto se executam, há impossibilidade manifesta. O indivíduo que pensa não poderia dividir-se em dois, um que raciocinaria enquanto o outro observaria o raciocínio. O órgão observado e o órgão observador sendo, neste caso, idênticos, como a observação poderia realizar-se?"²⁰ Daí tirava a conclusão de que o pretendido método psicológico é radicalmente nulo em seu princípio. E como para a epistemologia positivista uma ciência só pode constituir-se a partir da observação dos fenômenos, segue-se que a psicologia como ciência não é possível.

Evidentemente Comte não queria negar a consciência imediata que temos de nós mesmos e de nossos estados psíquicos. Ele não era um behaviorista watsoniano *avant la lettre*. Contestava que esta consciência pudesse transformar-se em observação científica como acontece com a percepção dos fenômenos físicos. Para compreender a significação e o alcance dessa objeção, deve-se ter em conta que ela visava, no pensamento de Comte, a introspecção da escola eclética que pretendia atingir a alma e suas faculdades, provar a independência e a heterogeneidade da alma como relação ao corpo e, dessa forma, construir uma ciência da alma em sua essência mesma. Comte criticava, na introspecção, um processo de conhecimento metafísico, transcendente. Ar-

ruinando a ciência psicológica dos ecléticos, a objeção invalidava a metafísica que tinha por base uma tal psicologia.

Os críticos modernos da psicologia introspectivista reconhecem que é impossível afastar completamente a objeção de Comte: a introspecção não pode ser estritamente contemporânea do fato psíquico observado. É possível, no entanto, atenuá-la. A observação interior se realizaria por meio da memória, principalmente a memória imediata, e, neste caso, a introspecção se converteria em retrospecção. Mas, se a retrospecção, graças à memória torna-se exequível, não apresenta a mesma objetividade da observação dos fenômenos físicos e não tem o mesmo valor científico. Na forma de retrospecção, a observação interior é indireta, incompleta e falível.

Tobias Barreto não faz referência expressa à famosa objeção contra o método introspectivo formulada no "Cours de Philosophie Positive". Somente uma única vez cita Comte para dizer que não o acompanha em sua afirmação segundo a qual a posteridade fará da psicologia assunto de comédia. Para ele, Tobias, a psicologia não é ciência e, sim, entretenimento, o que não está muito distante da comédia. Mas, inegavelmente, sua crítica à psicologia dos ecléticos move-se nos quadros da objeção de Comte.

O mérito de Tobias está em que não se limita a repetir, nem mesmo a parafrasear simplesmente a objeção comteana. Boa parte de sua crítica se dirige à tentativa de contornar a objeção recorrendo-se à memória. E ele não tem dificuldades em mostrar que a observação interior por meio da lembrança não nos proporciona dados objetivos controláveis à maneira da percepção externa. Daí infere a consequência de que os fatos da vida interna não podem ser observados de modo que nos forneçam matéria científica. Não existe, portanto, a pretendida

ciência da alma proclamada pelos ecléticos, e a psicologia, tal como era praticada, além de não possuir validade científica, não nos revelava o que há de mais rico e mais profundo da vida psíquica humana, concluindo por afirmar, com razão, "que nos sentimos melhor traduzidos em uma lauda de Montaigne ou de La Rochefoucauld do que em todo um capítulo de Garnier".²¹ O mesmo se poderá dizer de muitos psicólogos modernos que procuram encher de estatísticas o vazio de suas análises.

Com esse artigo Tobias encerra o ciclo de suas críticas ao espiritualismo dos ecléticos. É o positivismo que, nessa fase, passa a merecer suas preferências filosóficas, embora não por muito tempo. Nesse mesmo ano de 1871, quando "ainda acreditava na possibilidade das visões de Augusto Comte", o pensador sergipano começa a abandonar o positivismo, conforme declara a Sílvio Romero em carta de 1888.²² Em verdade, jamais fora positivista de estrita observância. Certamente, a epistemologia positivista muito contribuiu para sua compreensão e admiração da ciência moderna, a ponto, por vezes, de deixar-se empolgar pelo cientismo dominante em muitos círculos do pensamento europeu. Mas, não chegou a endossar a redução de todo saber humano válido aos parâmetros do espírito positivo, tão bem descritos por Augusto Comte no "Discours sur l'esprit positif". Característica marcante da inteligência de Tobias Barreto era sua acentuada vocação especulativa, que o tornava perseverante enamorado da metafísica. Em plena fase de adesão parcial à filosofia positiva, não hesita em confessar: "Releva ainda notar que não sentimos pela metafísica o profundo e sistemático rancor do positivismo. A parte a causa suprema e o que mais lhe possa dizer respeito, entendemos que ainda há lugar bastante para as pesquisas filosóficas".²³

Conforme se depreende desses artigos, é com as armas da crítica positivista que Tobias combate a filosofia espiritualista da escola eclética de Victor Cousin. Mas

o sergipano demorou-se pouco nos arraiais comteanos. Na edição das obras de Tobias, Paim e Mercadante delimitam a fase de rompimento com o positivismo entre 1875 e 1882. A julgar pelo próprio testemunho do mestre do Recife — segundo o qual começara a abandonar já em 1871 — e pelo conteúdo de seus escritos ao longo da década de 70, não parece que tenha levado tanto tempo para desvencilhar-se das doutrinas comteanas. O estudo dos filósofos alemães afasta-o progressivamente da filosofia positiva e, desde 1875, quanto às idéias filosóficas, não se pode mais considerar Tobias Barreto, mesmo parcialmente ligado ao positivismo.

Evaristo de Moraes Filho, em notável estudo comparativo entre a idéia de Tobias e as do positivista Miguel Lemos, no que se refere à crítica político-social do Império, identifica vários pontos comuns aos dois autores. Segundo Moraes Filho, "sente-se nos ensaios de Tobias dos anos 70/72 que ele se encontra mergulhado por inteiro numa atmosfera que se alimenta no "Curso de Filosofia Positiva".²⁴ Impossível discordar desse julgamento, ressaltando-se, no entanto, que Tobias, em face do positivismo, sempre manteve uma atitude ambígua de concordância e assimilação, de crítica e de rejeição. Acolhe plenamente a valorização do conhecimento científico positivo, mas recusa a doutrina dos três estados enquanto lei universal da evolução do espírito humano; se adota parcialmente a epistemologia positivista, recusa a negação pura e simples da metafísica; se adere resolutamente à crítica comteana da teologia, repele *in toto* a tese positivista da extinção inevitável da religião.

No artigo sobre a religião natural de Jules Simon (1869) afirma: "Não nos enganamos quando firmemente aderimos ao pensamento da escola de Augusto Comte na parte relativa ao desdém da teologia". Todavia, conclui o artigo reiterando sua crença na perenidade do espírito religioso: "Por mais livre que seja o nosso modo de opinar,

temos a convicção de que o olhar mais perspicaz, se bem atender, não descobrirá em nosso espírito um ataque direta ou indiretamente feito às crenças religiosas geralmente recebidas. Se algum existe, e confessamos que há, é somente dirigido às crenças metafísicas e teológicas, abstratas e improcedentes, que nada têm de comum com a religião e com o sentimento religioso".²⁵ É que Tobias distinguira sempre entre o que ele julgava a pretensão dos teólogos e filósofos de discorrer sobre a essência e os atributos de Deus e a fé religiosa. Ter a religião como dimensão essencial constitutiva do espírito humano, é uma tese vigorosamente defendida pelo mestre da Escola do Recife até os seus últimos escritos.

Ainda em seu período de ligações com o positivismo, caberia destacar a presença do filósofo francês Étienne Vacherot no curso do pensamento de Tobias Barreto. Com raras exceções, os estudiosos de sua obra não fazem menção deste filósofo. Sílvio Romero, como foi visto acima, relaciona o nome de Vacherot no rol das leituras que influenciaram Tobias para seu rompimento com o ecletismo. Clóvis Beviláqua, referindo-se ao artigo de Tobias sobre a polêmica de Vacherot com o padre Gratry, presta o seguinte esclarecimento em nota ao pé da página: "Em Pernambuco eram lidos, com interesse, os livros de Vacherot, sobretudo "La Democratie", "La Religion" e "Science et Conscience". Era escritor atraente e pensador muito estimável".²⁶ Omite, no entanto, a obra mais importante do filósofo francês, que foi várias vezes citada nos escritos de Tobias: "La Métaphysique et la Science", em dois alentados volumes. Vacherot se distinguia pela clareza na exposição das idéias, pela sua erudição, mas não era pensador profundo. Disso tinha consciência o nosso grande jurista que, em sua habitual benevolência de julgamento, usou o eufemismo "pensador estimável".

Indiscutivelmente, Vacherot causou profunda impressão no mestre do Recife. Os calorosos elogios ates-

tam a admiração e o respeito que ele nutria pelo filósofo francês em sua fase pré-germanista. No seu artigo "A religião perante a psicologia" (1870) escreve: "Vacherot é, quanto a nós, o modelo da seriedade filosófica, o tipo do verdadeiro filósofo moderno". Com relação ao livro "La Métaphysique et la Science", assim se expressa no artigo "Uma luta de Gigantes" (1872): "Sobre esta obra que é talvez o maior edifício da filosofia contemporânea, sentimo-nos aqui bem acanhado de espaço e tempo para emitir um juízo seguro. Podemos dizer com Ernesto Bersot que, ou se goste ou não de sua doutrina, é forçoso confessar que ali há uma filosofia e um filósofo".²⁷ Tais apreciações revelam-se particularmente significativas, quando sabemos que não era do costume de Tobias prodigalizar indiscriminadamente elogios desse calibre.

No rigor dos tempos, não se pode dizer que Vacherot tenha influenciado sensivelmente o curso do pensamento filosófico de Tobias Barreto. A sua ação se exerceu na forma daquelas leituras que estimulam as idéias, fornecem novas temáticas ou abrem novas perspectivas, atualizam ou fortalecem convicções em estado germinal, sem que, necessariamente, sejam aceitas as teses por elas veiculadas. Em nossa opinião, a leitura das obras de Vacherot, notadamente "La Métaphysique et la Science", muito concorreu para que, no período da influência positivista, fosse preservado e mesmo incentivado, o pendor metafísico do pensador sergipano.

Tobias Barreto via no metafísico francês um dissidente rebelde da escola espiritualista de Cousin. Em verdade, desde cedo, Vacherot dirigiu críticas severas ao ecletismo, embora inserindo-se na grande tradição francesa da metafísica reflexiva. Para ele, "o método eclético pode ser excelente para o senso comum que vai direto aos resultados sem se inquietar do problema; mas é muito insuficiente como método filosófico".²⁸

Vacherot, que Parodi classificou de espiritualista independente, alimentava o propósito de promover a reconciliação da metafísica com a ciência moderna, apresentando a concepção, ousada para sua época, de uma metafísica positiva. Em sua opinião, a idéia de Deus da filosofia clássica cinde-se em duas noções distintas e quase opostas: a noção de Infinito, imposta e verificada pela ciência, mas ligada a todas as imperfeições, estranha a toda moralidade; e a noção de Perfeição que, ao contrário, a ciência não nos mostra realizada em parte alguma, a não ser na consciência e no pensamento. Aí ela brilha como a atração e o ardor de todo progresso, constituindo a "categoria do ideal".²⁹

Nessa linha de pensamento, escreve "La Métaphysique et la Science" sob a forma de diálogo entre o cientista e o metafísico, no qual este último tem sempre a palavra principal. Mas sua metafísica leva em conta a crítica kantiana, opondo-se igualmente às "abstrações" da velha metafísica escolástica e às construções do racionalismo clássico de Descartes e Leibnitz, do mesmo modo que aos mistérios da teologia. Em sua opinião, nem a crítica kantiana, nem a ciência positiva constituem interditos definitivos à elaboração de uma nova metafísica crítica e analítica. Tal programa está expressamente formulado nas primeiras páginas de seu livro fundamental: "A obra que empreendo é toda análise e crítica. Se creio firmemente que a metafísica não é uma ciência morta, nem uma ciência feita, é em nome dessa dupla autoridade. Não, a história não disse sua última palavra sobre os problemas que fazem o objeto da metafísica. Minha fé profunda é que a análise e a crítica, operando livremente e sem prevenções sistemáticas, acabarão por ter razão contra um dogmatismo absurdo e contra um ceticismo deplorável. Sobre questões dessa importância, não é possível que o espírito humano seja reduzido aos mistérios da teologia, às abstrações da velha metafísica ou às negações da filosofia pela filosofia crítica".³⁰

A idéia de uma metafísica positiva, mantendo estreitos vínculos com a ciência, haveria de receber entusiástica acolhida da parte de Tobias. Primeiramente, por sua rejeição da filosofia escolástica e do racionalismo dogmático. Em segundo lugar, por satisfazer, ao mesmo tempo, sua vocação especulativa e o respeito sacrossanto pelas ciências exatas e naturais inculcado pelo positivismo comteano.

Não obstante certas convergências teóricas e a admiração e deferência com que sempre tratou o filósofo francês, Tobias Barreto não hesitou em submeter algumas de suas doutrinas ao crivo de uma crítica rigorosa. Assim, escreve o artigo "A religião perante a psicologia" para refutar a tese de Vacherot, segundo a qual a religião é um estado transitório do espírito humano, característico de sua infância e mocidade, que deve ceder ao império da reflexão madura e calma, isto é, ao império da filosofia. Nesse ponto, vê uma curiosa afinidade entre o filósofo espiritualista e o positivismo de Comte. E depois de censurar Vacherot por não ter mencionado a "teoria do tríplice estado humanitário", escreve: "Entretanto, nós descobrimos uma real analogia, senão perfeita identidade, entre o que diz Vacherot e o que diz a filosofia positiva. Há somente uma diferença: é quanto ao método: mas isto não infirma as relações que prendem as doutrinas, uma vez que elas chegam, pouco mais ou menos, a resultados idênticos".³¹

Já em artigo anterior, havia rejeitado o Deus de Vacherot, "infinito-real, perfeição-ideal que não só pede almas de filósofos para ser adorado, como também cabeças de gênios para ser claramente entendido". Refutando a tese de Vacherot sobre a transitoriedade da religião, Tobias Barreto, mais uma vez, deixa transparecer sua vinculação mais ou menos consciente às crenças religiosas recebidas na infância e adolescência ao afirmar enfaticamente: "Mas chegar até a negação completa do senso re-

ligioso, como inerente à natureza humana, é o que não podemos admitir, por motivos de real e profunda convicção".³²

Outro ponto em que Tobias Barreto diverge frontalmente de Vacherot é de ordem metodológica. Coerente com sua crítica da psicologia eclética, na qual contesta a validade da introspecção, — crítica do mais puro teor positivista, segundo vimos — o mestre da Escola do Recife não pode aceitar uma construção metafísica com base no método reflexivo. Para ele, é improfícua a tentativa de tirar da consciência individual, "em ermas contemplações de si mesma, o conhecimento do homem, de todas as suas aptitudes, como de todas as leis que o dirigem".³³

Mas qualquer que seja o alcance de tais críticas, Tobias Barreto não recua na admiração que vota a Vacherot e termina seu artigo classificando a metafísica daquele filósofo francês de "vasta e profunda". Sem nenhuma dúvida, a leitura de "La Métaphysique et la Science" deixou em seu espírito viva impressão e lhe terminou por fortalecer suas convicções metafísicas. Convicções que permanecerão intactas ao longo de seu período germânico, ou seja, até o fim de sua produção filosófica.

O ano de 1871 será decisivo para sua carreira intelectual. Tobias Barreto, neste ano, transferiu-se para Escada, cidade do interior pernambucano próximo a Recife, e dedicou-se a estudar com afinho e paixão os autores alemães. À medida que se adentrava na leitura desses autores, crescia sem limites sua admiração pela cultura germânica, levando-o a menosprezar inteiramente a inteligência francesa. E justamente porque seu fascínio pelo pensamento alemão atinge verdadeiros paroxismos de exaltação, cabe indagar as motivações que o conduziram a esse desvairado germanismo cultural. São elas de caráter exclusivamente intelectual? Puro interesse especu-

lativo de aprofundamento dos grandes problemas filosóficos? A análise da própria vida de Tobias Barreto e o que ele deixou entrever em seus escritos nos autorizam a pensar que, por trás dos motivos intelectuais, havia também causas de natureza psicológica e social.

Houve quem pretendesse explicar a atração de Tobias Barreto pela cultura germânica como consequência da vitória alemã sobre a França na guerra de 1870. O próprio Sílvio Romero encarregou-se de veicular semelhante explicação, ao escrever em seu ensaio sobre a filosofia no Brasil: "É certo que a última guerra alemã atirou-o nos braços da cultura germânica e transformou toda a sua velha intuição".³⁴ Tobias Barreto, por sua vez, tratou de desautorizar essa versão mostrando que já em 1869 iniciava o estudo do alemão: "Aqui importa notar — e para destruir uma certa idéia geralmente aceita, de que eu me dedicara à Alemanha por ocasião ou depois da guerra desta com a França — que já no ano de 69, ainda acadêmico, eu começara a fazer estudo de gramática alemã, não podendo, porém, ir muito avante, por causa das ocupações acadêmicas".³⁵

Decididamente Sílvio Romero cometia manifesta injustiça com seu grande amigo, supondo que se deixasse atrair pelo pensamento alemão apenas por causa dos feitos bélicos do exército prussiano. Muito pelo contrário, Tobias Barreto, longe de entusiasmar-se com a vitória alemã, fez severas restrições à política expansionista da Prússia. No artigo "Política Prussiana", de 1870, tem palavras duras para os planos de expansão do Pangermanismo, ressaltando que, na Alemanha, se insurgem contra essa política: "A mácula indelével de um bárbaro atentado feito aos direitos, às idéias santas, às justas aspirações da civilização moderna nzo se faz extensiva a todo aquele nobre e generoso povo". Mais adiante condena a agressão prussiana com estes termos: "Prússia insiste em apunhalar a França; e a Europa cruza os braços ante

o quadro hediondo que oferece a execução de tão negro projeto!..." E conclui com estas belas palavras: "Hoje só existe um conquistador simpático: é o espírito humano, a quem pertence a Alemanha sempre profunda e a França sempre grande".³⁶

Em nota a esse artigo, na edição do Governo de Sergipe, Sílvio Romero fez a seguinte observação: "Ainda nesse tempo Tobias andava bastante preso aos franceses, posto que já começasse a estudar a Alemanha".³⁷ Neste ponto há de dar-se razão a Romero. Conforme foi dito acima, à medida que se aprofunda no pensamento germânico, Tobias Barreto tende cada vez mais a referir-se à cultura francesa em termos depreciativos. Com efeito, poucos anos depois, no artigo intitulado "Auerbach e Victor Hugo", responsabiliza a França pela "formação da meia cultura que possuímos",³⁸ e sugere que se introduza em nosso sistema de instrução preparatória a língua alemã. Em carta ao redator da *Deutsche Zeitung*, do Rio de Janeiro, em 1874, escreve: "Não só na luta bélica, mas também na luta espiritual, os franceses foram superados e atirados em segunda linha. Pouco a pouco as nações mais cheias de vida e de esperanças transformam o seu velho modo de ver, abandonando a insígnia do francesismo e reunindo-se em torno da Alemanha".³⁹ Em 1880, no artigo sobre Treitschke, afirma: "Ninguém como ele já demonstrou tão peremptoriamente o que há de banal e vazio por detrás das belas aparências da cultura francesa".⁴⁰ Seria fastidioso relacionar as inúmeras passagens da obra de Tobias em que ele proclama a total superioridade da cultura germânica sobre a francesa. Mas em nenhum momento louvará o belicismo germânico e sua política de conquista.

Permanece, contudo, a questão de saber o que induziu Tobias Barreto a estudar o alemão e conhecer diretamente os pensadores germânicos. Antes de tudo, importa observar que, naquela época, a admiração pela Ale-

manha, principalmente por sua universidade, era relativamente generalizada entre professores e alguns homens públicos brasileiros. Havia toda uma corrente no campo da educação que advogava a aplicação dos modelos germânicos ao nosso ensino superior. Em 1870, o ministro Paulino de Souza, ao apresentar seu projeto de criação de uma universidade na Corte, externava toda a sua simpatia pela cultura e pelo sistema de ensino da Alemanha. Em 1873, o professor da Faculdade de Direito do Recife, Tavares Belfort, em seu parecer sobre o projeto supramencionado, não escondia suas preferências pelo modelo alemão ao afirmar: "Desde já declaramos que nossas simpatias, no intuito de achar um modelo para nós, são pelo sistema alemão, e ninguém achará, por certo, suspeita nossa propensão e sem fundamento nossa escolha, quando a Alemanha entre todas as nações representa a ciência".⁴¹ A Reforma Leôncio de Carvalho, de 1879, ao instituir a frequência livre e o regime de cursos livres no âmbito das faculdades oficiais, declara que está adotando elementos do sistema universitário alemão, notadamente a docência privada. Nesse período caracterizado pelo movimento do ensino livre, uma das correntes mais ativas foi precisamente aquela que Roque Spencer Maciel de Barros denominou "germanismo pedagógico".

Mas entre o germanismo dessa corrente, que pregava a reforma do ensino superior brasileiro segundo os moldes alemães, e a germanofilia de Tobias Barreto e da Escola do Recife vai uma grande distância. Não consta que os adeptos do germanismo pedagógico se tenham dedicado ao estudo aprofundado e sistemático do pensamento alemão. E nisso reside a singularidade do caso Tobias. No limitado espaço cultural de sua província, inteiramente ocupado pelo pensamento francês, ele encontrou, por seus próprios meios e esforços, o caminho que lhe permitiu dominar o alemão e conhecer a produção intelectual germânica como nenhum outro brasileiro de sua época.

O professor Maciel de Barros, em dois artigos publicados em "O Estado de São Paulo", (12 e 19-1-58) procurou identificar as causas do "germanismo" nas últimas décadas do Império. Em sua opinião, o germanismo chegou até nós por intermédio de intelectuais franceses, principalmente nos escritos de Renan, autor que tanta influência exerceu naquela fase de nossa história intelectual. O professor da Universidade de São Paulo menciona em primeiro lugar a obra de Renan **Questions Contemporaines**, cuja segunda edição é de 1868, na qual o famoso escritor aponta, como os grandes fatores da vitória de Sadowa, a ciência e a virtude germânicas, o protestantismo, a filosofia, Lutero, Kant, Fichte e Hegel. Refere-se, também, ao livro de Renan sobre a reforma intelectual e moral da França (1874), o qual preconizava a reforma do ensino superior segundo o modelo universitário alemão, como condição da reforma intelectual de sua pátria. E depois de citar outros escritores que, nesse particular, seguiam a trilha de Renan, conclui: "O 'germanismo' francês aponta os caminhos do germanismo brasileiro".

No entender do professor paulista, esta seria também a causa inicial do germanismo de Tobias Barreto que, provavelmente teria lido a obra de Renan publicada em 1868, antes, portanto, que o pensador sergipano começasse a frequentar os autores alemães. Um dos biógrafos de Tobias Barreto, Omer de Mont'Alegre, citado por Maciel de Barros, já sustentara a mesma tese: foram os franceses que levaram a influência germânica até o mestre do Recife, salientando que "comentários de autores franceses e ingleses sobre as novas teorias surgidas na Alemanha tinham levado a sua curiosidade a conhecer referidos autores na língua original". De que Tobias Barreto se tenha voltado para o pensamento alemão provocado, em grande parte, por leituras de autores franceses, não temos dúvidas. Não cremos, contudo, que para isso o fator decisivo tenha sido Renan.

Quais teriam sido, então, as leituras francesas que despertaram no mestre da Escola do Recife particular interesse pelos filósofos alemães a ponto de querer conhecê-los diretamente em seu idioma? Não será difícil indicar tais leituras. Note-se que, desde seu estágio no ecletismo, Tobias Barreto teve muitas oportunidades de ler referências altamente elogiosas à profundidade dos filósofos germânicos. Victor Cousin nutria grande admiração pelo kantismo e são visíveis nele os traços da influência de filósofos pós-kantianos como Schelling e Hegel os quais visitou em suas viagens à Alemanha. Estudos sobre este país e sua cultura Tobias Barreto deve ter lido na "Revue des Deux Mondes", da qual era leitor aplicado. De 1867 a 1870, a revista publicou numerosos ensaios sobre a Alemanha em seus mais diversos aspectos, entre os quais se destaca uma dezena de artigos do belga Émile de Lâvelleye e um trabalho do próprio Renan sobre a guerra franco-alemã. Na mesma revista, terá lido o artigo de Callemel-Lacour "Un Boudhiste en Allemagne, Arthur Schopenhauer", que o fez descobrir o famoso filósofo do pessimismo.

Mas Vacherot parece ter sido, dos autores franceses freqüentados pelo pensador sergipano, aquele que escreveu as páginas mais encomiásticas sobre a filosofia alemã da primeira metade do século XIX. Logo na introdução de sua obra fundamental anteriormente citada, manifesta sua admiração pelos filósofos alemães: "Os amantes zelosos da filosofia francesa acharão talvez minha crítica demasiado simpática à filosofia alemã e lamentarão que minhas conclusões deia tanto se aproximem".⁴² Na página seguinte, explica as razões de sua adesão às idéias filosóficas alemães: "Descartes, Malebranche, Bossuet, Fénelon, são infinitamente mais agradáveis a ler e a seguir do que estes rudes e poderosos pensadores da Alemanha. Mas a filosofia daqueles autores é de um outro tempo; nem as idéias, nem os argumen-

tos que ela encerra escaparam à crítica de Kant e de sua escola. Ela não pode responder às necessidades novas e às de sua escola". E continua, na mesma página, fazendo alusão aos partidários do ecletismo que, já naquela época sofria os golpes de críticas demolidoras: "Porque se faz necessário que o desencorajamento, o medo do desconhecimento, o horror da obscuridade germânica, o sentimento da arte que os tenha rejeitado no seio de uma filosofia que a crítica julgou, a ciência repele e que não deveria encontrar crentes a não ser entre os letrados e os teólogos?"⁴³ No capítulo sobre a filosofia no século XIX, explica longamente o pensamento de Kant, Schelling e Hegel e tece hinos de louvor à filosofia alemã apesar de suas obscuridades. No entanto, Vacherot não lê o alemão, conforme ele próprio confessa: "Minha ignorância absoluta da língua alemã privando-me da vantagem de recorrer às fontes, obrigou-me a servir-me de traduções e dos resumos mais apreciados, particularmente da obra conscienciosa de Wilm, que obteve os sufrágios da Academia de Ciências Morais".⁴⁴

Tendo na mais alta conta a filosofia de Vacherot, era natural que a intensa curiosidade intelectual de Tobias Barreto fosse estimulada a conhecer diretamente esses "rudes e poderosos pensadores" da Alemanha louvados pelo filósofo francês com tanto entusiasmo. Ora, o mestre do Recife, por seu temperamento e sua inteligência, não era homem de se contentar com traduções. Haveria de empenhar-se no estudo do idioma germânico para conhecer, no original, a produção filosófica dos alemães. E ao estudá-lo tomou-se de paixão pela cultura germânica.

Que Tobias Barreto, logo em seus primeiros contactos, se deslumbrasse com a famosa erudição alemã e identificasse pura e simplesmente as nébulas do pensamento germânico com abissais profundezas da metafísica, era comportamento perfeitamente compreensível. A

esse respeito e todas as proporções guardadas, nos dá significativo testemunho um pensador da estatura de Raymond Aron, ao relatar suas próprias experiências: "A língua alemã é de uma flexibilidade excepcional para a filosofia e assim sempre a tendência a crer que os filósofos alemães são mais profundos do que realmente são. Há duas línguas para a filosofia, o alemão e o grego. Então quando começamos a imergir na língua alemã, sentimos nos enriquecidos e com o risco de sermos afogados. No começo, tomei todos os filósofos alemães por grandes filósofos".⁴⁵

Se Raymond Aron, com seu acentuado espírito crítico e a sólida formação filosófica de aluno laureado da célebre "École Normale Supérieure" da rua D'Ulm, viveu uma tal experiência ao defrontar, pela primeira vez, os filósofos alemães no original, *a fortiori* outra não teria sido a reação do talentoso autodidata brasileiro do século passado, ávido de saber, mas desprovido de formação filosófica. Compreende-se, pois, que a Tobias todo filósofo alemão haveria de parecer-lhe pensador de grande profundidade e imensa erudição. Isso explica porque se deixou empolgar por muito filósofo medíocre pelo simples fato de que escrevia em alemão. Ele, que passou a menosprezar Victor Cousin por ser eclético e superficial, tomou Noiré por grande pensador, quando, na realidade, era não menos superficial, de menor importância no curso da filosofia do século XIX do que o chefe do ecletismo francês.

Mas, se razões de ordem predominantemente intelectual podem explicar a opção do pensador sergipano pela filosofia alemã, sua exaltada germanofilia deve-se em grande parte, a motivações extra-intelectuais. Suas raízes mergulham em sua própria personalidade em conflituosa reação ao meio social. Com efeito, em muitos de

seus comportamentos, Tobias Barreto se assemelha ao tipo do homem ressentido na acepção scheleriana⁴⁶ do termo, e, assim, o germanismo tornou-se o instrumento privilegiado de sua auto-afirmação, de seu fazer-se valer.

Proveniente de família modesta, sem haveres e sem títulos, Tobias Barreto chegava a uma província dominada pela aristocracia dos senhores de engenho, para a qual os talentos do jovem sergipano nada representavam socialmente. Embora diplomado em direito, para os barões da terra ele continuava a ser o forasteiro mestiço sem eira nem beira. Mas, consciente de seu talento, de seu valor intelectual, não se conformava com essa situação de inferioridade social. Espírito independente, orgulhoso e desabusado, recusava-se a cortejar os senhores para obter as graças e favores que lhe assegurassem a ascensão na hierarquia social. Por isso mesmo, tentou impor-se por sua inteligência, por sua invulgar cultura para sua época e ambiente, por seu imenso talento verbal e pela agressividade de suas inúmeras polêmicas. Guercindo Bessa, conterrâneo, amigo pessoal e admirador extremado de Tobias, percebeu com muita acuidade seu problema social ao observar: "Atirado bem moço no vórtice social do Recife, sem fortuna, sem o prestígio do nascimento, sem o ascendente de um nome feito, sem o apoio de ninguém, completamente só e desarraigado, Tobias compreendeu em boa hora que, desarmado para a luta pela vida, sucumbiria fatalmente se não se apercesse dos meios eficazes de triunfo". E o germanismo cultural foi precisamente um desses meios eficazes que lhe permitiriam atender à necessidade incoercível de afirmar-se e de triunfar no ambiente cultural e social da província. Foi esse o fator extra-intelectual que levou Tobias a dedicar-se com ardor e paixão obsessiva à cultura germânica.

Em vários de seus artigos, nota-se verdadeira ostentação de seu saber germanizado, o vivo sentimento de sua superioridade por ler os escritores alemães em seu

próprio idioma e, por isso mesmo, inacessíveis à quase totalidade dos intelectuais de seu tempo. Nos artigos sobre Hartmann e sobre Treitschke, por exemplo, começa por salientar que certamente seus leitores não têm o menor conhecimento de tais autores. É que somente conhecem os escritos alemães quando, segundo suas expressões, são "reduzidos à clave de sol para uso dos diletantes, isto é, traduzidos para o francês".⁴⁷ Do mesmo modo, no artigo "Auerbach e Victor Hugo", Tobias, mais uma vez se vangloria de pertencer ao reduzidíssimo círculo privilegiado dos que freqüentam os autores alemães diretamente em sua própria língua. No mesmo escrito afirma: "É dubitável que haja presentemente no Império seis indivíduos capazes de lavrar um parecer exato e consciencioso no que toca à vida espiritual na Alemanha".⁴⁸ O germanismo dava-lhe consciência de situar-se muito acima da intelectualidade brasileira em geral. E certo de sua superioridade intelectual pelo fato de estar familiarizado com a cultura alemã, não perde ocasião para depreciar a inteligência francesa e, com isso, os intelectuais brasileiros que teriam de contentar-se com a fraca dieta cultural da França.

No artigo "Himmel-und Escadafahrt", de 1883, Tobias Barreto nos dá expressivo testemunho do que representava para ele o seu germanismo apaixonado. Nesse ano, aportara ao Recife uma corveta alemã conduzindo um príncipe da casa imperial germânica, neto do Imperador Guilherme I. Entre as homenagens prestadas ao príncipe, a colônia alemã organizou uma excursão a Escada, com almoço no engenho Sapucaí do Coronel Marcionilo Silveira Lins. Convidado para fazer parte da comitiva, Tobias descreve a excursão em verdadeiro estado de exultação, regozijando-se pela consideração que recebia de tão ilustres representantes de uma nação cuja cultura colocava muito acima de qualquer outra. E isso ocorria precisamente naquela vila onde vivera dez anos fecundos de sua formação germânica e também na qual passara tan-

tas vicissitudes e humilhações. Vale reproduzir em toda sua extensão trecho significativo do artigo.

"Era na terra onde eu iniciara a luta pelo germanismo, na terra onde vivi dez anos, que foram outros tantos anos de combate que sustentei, **Zehn Jahre deutscher Kämpfe**, não em forma de livro, como Treitschke, mas em forma de impropérios e insultos que não me faltaram, era na terra onde a minha **folie raisonnante** pela Alemanha chegou a dar-me um certo ar de lastimidade, a ponto de se julgar um ato providencial a minha retirada dali por ordem dos bacamartes, no que aliás, digamo-lo entre parênteses, não deixa de haver um pouco de razão, pois só os atos da providência, ainda mesmo os mais disparatados, costumam passar impunes, como passou o singular atentado de 1.º de agosto de 1881; era na terra, enfim, onde eu era alvo de insólitos desdêns, como chefe da chamada **escola teuto-sergipana**, até da parte do jornalismo da corte, que um príncipe alemão se tornava objeto de contemplação e curiosidade geral! Oh! sem dúvida: eu tinha motivo de rir.

Tudo isso devia causar-me a impressão de uma vitória. Não foi sem muita razão que uma inteligente alemã me disse naquele dia: **Sie haber gesiegt**. Realmente eu me sentia triunfante".⁵⁰

Efêmero triunfo. Todo o seu talento e toda a sua cultura germânica não conseguiram romper as barreiras sociais que lhe interpunha a sociedade pernambucana sob a hegemonia da aristocracia rural dos senhores de engenho, por ele apelidado pejorativamente de "açucarocrata".

cia". Daí o ressentimento que lhe roía a alma, exacerbando a "rebeldia do mestiço", estimulando seu temperamento polêmico e levando-o a agressões intelectuais, algumas vezes inteiramente gratuitas, como sucedeu com José Higino, seu colega de congregação da Faculdade, facto esse que foi bem ressaltado por Hermes Lima: "Invejando em José Higino a consideração que a sociedade lhe negava; mordido de ciúmes pela alta missão que àquele haviam cometido de fazer pesquisas nos arquivos holandeses sobre o domínio batavo no Norte, ao espírito de Tobias vinha logo a comparação das duas vidas, a sua e a do colega com quem contendia. Enquanto ele fizera a viagem da existência "sozinho e a pé", o outro fizera-a, numa boa parte, montado na "garupa do avô" e o resto na garupa do Instituto Arqueológico. Tudo lhe saía difícil. Para o colega, tudo fácil. Não resistia e comparava-se. Se, quando se julgava, sentia-se abatido, quando se comparava sentia-se orgulhoso"⁵¹.

O germanismo, que lhe grangeou uma legião de admiradores principalmente entre os estudantes, oferecia-lhe uma compensação, no plano cultural, pela falta de reconhecimento social a que se julgava com direito pela sua inteligência e por seu saber. Algumas vezes, a cultura alemã representava a torre de marfim onde se refugiava quando experimentava, na carne, as injustiças de que era vítima em consequência da estrutura social em que vivia.

Seria, contudo, inexato e injusto pensar que o germanismo de Tobias se reduz a essas motivações psicosociais. À parte os desvarios de sua germanofilia, a opção pela filosofia alemã reflete sua imensa vontade de saber, seu marcado pendor para a reflexão filosófica. Seu espírito crítico era suficientemente apurado para logo perceber a superficialidade e as inconsistências do ecletismo de Victor Cousin e seus seguidores, doutrina que, no Brasil daquela época, passava pelo produto mais re-

presentativo da filosofia francesa da primeira metade do século XIX. Por outro lado, o positivismo comteano, embora o atraísse por sua filosofia científica, não correspondia à sua vocação especulativa. Não obstante seu entusiasmo pelos progressos da ciência positiva, Tobias tinha em mira uma concepção metafísica do universo como totalidade. E foi precisamente essa conjugação da pesquisa científica com o espírito metafísico, freqüente em muitos pensadores alemães, que o deixou fascinado pela filosofia germânica.

Tobias Barreto interessou-se pela cultura alemã em seus mais variados aspectos. Contudo, a filosofia, o direito, a literatura constituem as áreas culturais, por excelência, em que se concentraram os seus estudos. No presente ensaio, limitamo-nos ao pensamento filosófico. E para melhor avaliar o que da filosofia alemã mais utilizou o mestre do Recife na tentativa de formular sua concepção do mundo, parece-nos indispensável delinear, em grandes traços, o quadro das principais correntes do pensamento filosófico germânico na época que vai do meado do século XIX à década de 80. É o que pretendemos fazer no capítulo seguinte.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Editorial do jornal "O Republicano", de Larangeiras, Sergipe. O jornal era o órgão do Partido Republicano na antiga província de Sergipe e obedecia à direção do Dr. Felisberto Freire. A citação acha-se à página 345 de "Vários Escritos", volume X das obras completas de Tobias Barreto, Edição do Governo do Estado de Sergipe, 1926.
2. Sebrão Sobrinho — Tobias Barreto — Gênio de Desgraça, 1º Volume — Imprensa Oficial, Aracaju, 1941, pg.80.

3. Sebrão Sobrinho — op. cit., pgs. 92-93.
4. Hermes Lima — Tobias Barreto (A época e o homem) — São Paulo, Companhia Editora Nacional, 2a. Edição, 1957, pg. 3.
5. Maria de Lourdes Mariotto Haidar — O ensino secundário no Império brasileiro — São Paulo, Universidade de São Paulo — Editora Grijalbo Ltda. 1972, pg. 61.
6. Tobias Barreto — O atraso da filosofia entre nós, in Tomo I da edição Paim-Mercadante, pg. 113.
7. Tobias Barreto — Teologia e Teodicéia não são Ciências, in Tomo I da Edição Paim-Mercadante, pg. 16.
8. Tobias Barreto — Os pontos de Filosofia do padre Dr. Jerônimo Thomé — in "Filosofia e Crítica", vol. III da Edição do Governo de Sergipe, 1926, pg. 167 e ss.
9. Hélio Jaguaribe — A Filosofia no Brasil — Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura — Instituto Superior de Estudos Brasileiros, 1957, pg. 57.
10. José Soriano de Souza — Compendio de Philosophia ordenado segundo os princípios e methodo do doutor Angelico S. Thomaz d'Aquino — Recife, Typographia da Esperança, Rua de S. Francisco, n.º 2, 1867, pgs. XXXVII-XXXVIII.
11. Paul Janet — La Philosophie Française Contemporaine — Paris, Calman Levy, 1879, pg. 44.
12. Félix Ravaisson — La Philosophie en France au XIX Siècle — Publication faite sous les auspices du Ministère de l'Instruction Publique, Paris, A l'Imprimerie Impériale, 1868, pgs. 31-32.

13. Cf. "Vários Escritos", Vol. X, da Edição do Governo de Sergipe, 1926, pgs. 239-242.
14. Tobias Barreto — in Tomo I da Edição Paim-Mercadante, pg. 7.
15. Tobias Barreto — op. cit. pg. 8.
16. H. Taine — Les Philosophes Classiques du XIX Siècle en France — Paris, Librairie Hachette, 1857. Citamos pela 12a. edição, da mesma editora, 1923.
17. Em nota ao artigo de Tobias, "Fatos do Espírito Humano", in "Estudos Alemães", vol. VIII da Edição do Governo de Sergipe, pg. 382.
18. In "Estudos Alemães", edição citada, pg. 423.
19. In Tomo I da edição Paim-Mercadante, pg. 81.
20. Augusto Comte — Philosophie première, Cours de Philosophie Positive, Leçons 1 às 45 Présentation et notes par Michel Serres, François Dagognet et Allal Sinaceur, Paris Hermann, Éditeurs des Sciences et des Arts, 1945 1e. Leçon, pgs. 33-34.
21. In "A Ciência da Alma ainda e sempre contestada", edição Paim-Mercadante, Tomo I pg. 93.
22. Essa carta é de 2/1/1888. Referindo-se ao seu ensaio "A Questão do Poder Moderador", esclarece: "A expressão — sociologia — era um resto de tributo que eu pagava ao positivismo, de que fora adepto, posto que já então começasse a abandoná-lo". Em "Vários Escritos", edição citada, pg. 323. Em nota ao artigo acima referido, no volume de "Questões Vigentes", mesma edição, pg. 174, Tobias escreve: "O leitor não estranhe ouvir-se falar de **sociologia**. Grande parte

deste artigo foi publicado pela primeira vez em outubro de 1871 no "Americano", jornal de que fui um dos diretores; e a esse tempo ainda eu acreditava na possibilidade das visões de Augusto Comte.

23. Tobias Barreto — "Sobre a Religião Natural de Jules Simon, in vol. I da edição Paim-Mercadante, pg. 40.
24. Evaristo de Moraes Filho — "Um caso de sincronismo cultural: Tobias Barreto e Miguel Lemos, in Revista Brasileira de Filosofia, Vol. XXXII, fasc. 126, São Paulo, 1982, pg. 169.
25. Tobias Barreto — "Sobre a Religião Natural de Jules Simon", in vol. I da edição de Paim-Mercadante, respectivamente pgs. 37 e 59.
26. Clóvis Bevilacqua — História da Faculdade de Direito do Recife, 2a. Edição, Instituto Nacional do Livro — Ministério da Educação e Cultura, 1977, pg. 361.
27. Tobias Barreto — "Uma Luta de Gigantes", in "Filosofia e Crítica, vol. III da edição do Governo de Sergipe, pg. 126.
28. Étienne Vacherot — La Métaphysique et la Science, ou Principes de Métaphysique Positive, 2 Tomes, I-XXXV - 452 pgs., II-693 pgs. Paris, Librairie de F. Chamerot, 1858, Tome II, pg. 322: "La méthode éclectique peut être excellente pour le sens commun qui va droit aux résultats, sans s'inquiéter des difficultés du problème; mais elle est fort insuffisante comme méthode philosophique".
29. Ét. Vacherot — op. cit. Tome II, no qual discute o problema de Deus, da página 490 a 597.
30. Ét. Vacherot — op. cit., Tome I, pg. VI.

31. Tobias Barreto — "A Religião perante a Ciência", in Tomo I da edição Paim-Mercadante, pg. 71.
32. Tobias Barreto — artigo citado, pg. 74.
33. Tobias Barreto — artigo citado, pg. 68.
34. Sílvio Romero — "A Filosofia no Brasil", in "Sílvio Romero, Obra Filosófica", Introdução e seleção de Luís Washington Vita, Coleção Documentos Brasileiros, n.º 139 — Livraria José Olympio Editora, 1969, pg. 110.
35. Tobias Barreto — Em carta de 6 de agosto de 1880, dirigida ao Sr. Carvalho Lima Junior que pediu a Tobias informações sobre sua vida e carreira intelectual. In "Vários Escritos", edição do Governo de Sergipe, pgs. 296-297.
36. Tobias Barreto — "Política Prussiana", in "Estudos Alemães", vol. VIII da edição do Governo de Sergipe, pgs. 499-501.
37. Sílvio Romero — Nota ao artigo acima citado, pg. 501.
38. Tobias Barreto — "Auerbach e Victor Hugo", in "Estudos Alemães", pg. 467.
39. Tobias Barreto — "Carta ao redator da "Deutsche Zeitung" do Rio de Janeiro", in "Estudos Alemães", pg. 333. A carta é de 1874.
40. Tobias Barreto — "Henrique von Treitschke e o movimento anti-judaico na Alemanha", in "Estudos Alemães", pgs. 350-351. Neste mesmo artigo escreve: "Quer naquele, quer neste caráter ele se assinala por um talento não comum, e não comum na Alemanha mesma, onde entretanto o talento corre as ruas e a ciência é quase um fenômeno ordinário". pg. 349.

41. Tavares Belfort — Parecer acerca da criação de uma Universidade no Brasil, Maranhão, Typ. do Paiz, 1873, pg. 119.
42. Ét. Vacherot — Op. cit. pg. XXXIII.
43. Ét. Vacherot — Op. cit. XXXIV.
44. Ét. Vacherot — Op. cit. pg. XXII.
45. Raymond Aron — Le Spectateur engagé — Entretiens avec Jean-Louis Missika et Dominique Wolton. Paris, Juliard, 1981, pg. 38.
46. Max Scheler submeteu o conceito nietzscheano de "ressentimento" a uma penetrante análise fenomenológica com o objetivo de refutar a tese de Nietzsche segundo a qual a moral cristã seria uma ética do ressentimento. Cf. "Das Ressentiment im Aufbau der Moralen", in "Vom Umsturz der Werte", Max Scheler Gesammelt Werke, Band 3, Francke-Verlag-Bern, 1955. Para Scheler "o ressentimento é um auto-envenenamento psíquico (**seelische Selbstvergiftung**) de causas e conseqüências inteiramente determinadas. É uma atitude ou disposição psíquica permanente que, mediante uma repressão sistematicamente exercida, nasce da descarga de certas emoções e sentimentos que, em si mesmos, são normais e pertencem aos componentes fundamentais da natureza humana, mas que podem provocar certa inclinação permanente a determinadas espécies de deformações valorativas e aos correspondentes juízos de valor. Entre os afetos e emoções que mais se destacam nessa disposição psíquica estão os seguintes: sentimento de rancor e impulso de vingança, ódio, maldade, ciúme, inveja, malícia". Pg. 38. Segundo Scheler, o desejo de vingança é um dos mais importantes elementos do ressentimento. A palavra ressentimento está a indicar um movimento afetivo que se

origina da apreensão do estado afetivo de uma outra pessoa (**fremde Gemütszustande**) e, por isso mesmo, é uma re-ação (**Antwortsreaktionen**). O ressentimento é sempre um sentimento contra e gera o desejo de vingança com todas as suas sequelas, uma disposição hostil contra todos que são considerados como ocupando posições ou desfrutando de situações privilegiadas em detrimento da pessoa que, por seu valor, se julga com legítimo direito a tais posições.

Segundo dissemos, Tobias é, sob certos aspectos (**secundum quid**), um ressentido. É necessário, pois, atender a essa ressalva. Com efeito, a permanente atitude de crítica ferina à maior parte de seus colegas de Faculdade, a figuras intelectuais que lhe pareciam inferiores à sua inteligência, à sua cultura, fazendo-o sentir-se injustamente preterido, é, sem dúvida, uma típica atitude de ressentido. Ressentimento que se deve, em grande parte, à estrutura social em que vivia.

47. Tobias Barreto — Artigo citado sobre Treitschke, pg. 347.
48. Tobias Barreto — Artigo citado sobre "Auerbach e Victor Hugo", pg. 468.
49. Tobias Barreto — "Himmel-und Escadafahrt", in "Estudos Alemães", pg. 505.
50. Hermes Lima — Op. cit. pgs. 264-265 — O ataque rude e descabido desferido contra José Higino é característico de uma atitude ressentida. Como demonstra a carta a Sílvio Romero, de 2/1/1888, Tobias estava à espreita de uma ocasião oportuna para investir contra Higino. Nessa carta Tobias se manifesta "incomodado de ver seu nome citado em companhia dos de José Higino e João Vieira (o badalo) como os três iniciadores da reforma jurídica entre nós".

Depois de atacar Higino e dizer que "é um pesquisador da Holanda que nunca nos disse uma palavra sobre a literatura desse país, "promete investir contra ele: "Muito breve pretendo dar-lhe uma surra nesse sentido". Anuncia, ainda, que está estudando holandes para inteirar-se do movimento espiritual da Holanda, acrescentando: "Ramalho (Ortigão) também terá o seu quinhão de pancada". Em "Vários Escritos", pgs. 323-324.

A bem da verdade seja dito que, em algumas polêmicas, o provocado foi Tobias Barreto e sua reação, mesmo virulenta, justificava-se. Tal é o caso da famosa polêmica com os padres do Maranhão, surgida a propósito do discurso de paraninfo de Tobias sobre a idéia do Direito. Tobias foi atingido em seu legítimo direito à liberdade acadêmica e reagiu à altura embora a polêmica, de ambos os lados, descambasse para insultos grosseiros. A Josué Montello cabe o indiscutível mérito de haver pesquisado os autores maranhenses da polêmica identificando o verdadeiro autor dos artigos publicados na "Civilização" contra Tobias. Tratava-se do poeta satírico Euclides Faria, como demonstra Montello em sua excelente introdução ao livro no qual ele reproduz os artigos da polêmica, os de Tobias e os dos supostos padres do Maranhão que até então permaneciam sepultados no velho jornal do Maranhão. Cf. "A Polêmica de Tobias Barreto com os Padres do Maranhão", Livraria José Olympio Editora, Rio/1978.

A Qualidade do Ensino na Educação Superior Brasileira*

George Browne Rego

Hoje, mais do que nunca, fala-se e se quer repensar e discutir a problemática de qualidade do ensino, particularmente enquanto contraposta à noção de massificação.

A expressão torna-se como que uma palavra de ordem do ser e do fazer universitários, pronunciada numa frequência rítmica que se assemelha ao pulsar de um coração saudável. O MEC, o Conselho de Reitores, Pró-Reitores, Diretores, Professores, Associações de docentes e de funcionários, Diretórios Estudantis, todos enfim, enfatizam nos seus discursos este simpático e sonante apostrofo, colocando-o como fim primeiro a ser colimado no processo de transcendência que percorre a via condutora, da massificação à excelência.

O conflito conceitual, desenvolvido a partir deste binômio, alinha indivíduos — até um passado recente não alinhados — de diferentes hierarquias e matizes ideológicos dos diversos estamentos educacionais, provocando certa confusão e um verdadeiro tumulto que contribuem para mais abalar as já tão frágeis estruturas de nossa precária e incipiente filosofia educacional brasileira.

Foram, sem dúvida, as perplexidades e os equívocos advindos, em sua maioria, da reforma universitária que a partir de 1968 se instaurou no país, que contribuíram para o desenvolvimento de generalizados sentimentos de culpa, resultantes de erros e incompreensões, ob-

* Trabalho apresentado na Universidade Federal Fluminense no "Encontro Nacional de Pró-Reitores Acadêmicos".